

A FINA ARTE DE ACENAR

Joël Freeman

Meu marido acena para todas as pessoas. Ele atribui essa tendência à época que passou em uma pequena ilha na costa de Rhode Island. Lá, as únicas pessoas que não acenavam para você eram os turistas —e, certamente, você não queria ser confundido com um deles. Além disso, meu marido acha que o aceno é um ato de boa educação e que até mesmo a pessoa mais mal-humorada se sentirá melhor depois de receber um cumprimento sincero.

Foi por isso que, quando mudamos de uma casa na mata para uma casa à beira da estrada principal, continuamos com nosso costume de acenar todas as vezes que um carro conhecido passava por ali. Uma sensação de boa vizinhança exigia que agíssemos assim.

Meu marido e eu nos revezamos diante da porta de nossa casa com nossa filha, enquanto ela aguarda o ônibus escolar. Ela está na segunda série. Todos os dias, as mesmas pessoas passam de carro pela estrada a caminho do trabalho ou da escola. Há, por exemplo, um pequeno veículo rosa que chamamos de carro da Barbie, uma na década de 1970 coberta de massa cinza usada para remendar partes amassadas do chassi, à qual damos o nome de "hippiemóvel". Alguns motoristas dão um largo sorriso e acenam para nós como se fôssemos velhos conhecidos. Outros agem discretamente, movimentando levemente a cabeça. Se deixamos de acenar, eles fingem estar arrumando os cabelos ou coçando a testa.

Eu compreendo essa hesitação. Por ser diferente de meu marido, não me sinto disposta a acenar para qualquer pessoa. Certa vez, enquanto estávamos fazendo um de nossos passeios para conhecer a vizinhança, descobrimos uma estrada secundária interessante que servia de atalho até um lago. Tivemos de reduzir a velocidade consideravelmente para fazer uma curva acentuada. Logo depois da curva, tivemos a surpresa de avistar uma senhora idosa sentada em uma cadeira sobre um gramado do outro lado do lago. Quando passamos por aquela senhora, ela acenou para nós. Ficamos sabendo que ela se senta ali diariamente e acena para todos os carros que passam. Sempre achei que ela devia ser um pouco excêntrica ou solitária. Mas isso é pura suposição, porque ela aparenta ser muito feliz. Às vezes, receio que as pessoas também pensem que sou excêntrica se eu começar a acenar para todos os carros que passam por nossa casa. Afinal, permaneço muito mais tempo em casa que meu marido!

Talvez você se surpreenda ao saber quantas pessoas passaram a acenar para nós. Algumas acompanham o gesto com um toque de buzina, o que nos deixa muito felizes. Nossos amigos da cidade que vêm nos visitar e descansam conosco na varanda também começaram a levantar automaticamente a mão para cumprimentar as pessoas dentro dos carros. Eu sempre digo a esses visitantes amigos que eles aprenderam a fina arte de acenar.

Ontem fui ao correio. Na fila formada no saguão, um pouco à minha frente, estava um homem para quem eu tenho acenado quase que diariamente nos últimos quatro anos. Ele ouviu minha filha pequena balbuciando e virou-se para trás.

– Como vão vocês? Puxa, como essa menina está crescendo depressa!
– ele me disse, sorrindo para minha filha.

– Claro que está! Preciso cuidar dela o tempo todo – repliquei.

– Eu sei. Ei, aquele novo terraço ficou ótimo!

– Obrigada, também gostamos muito.

– Tenha um bom dia. Prazer em vê-la.

– Da mesma forma! Até logo!

O mais curioso de tudo é que nunca fomos apresentados um ao outro.